

# O *self* e comportamentos autodirigidos: Revisão da literatura de estudos de caso brasileiros em Terapia Analítico-Comportamental Infantil

The self and self-directed behaviors: A literature review of Brazilian case reports in Child Analytic-Behavior Therapy in the operant literature.

**Carolina Coury Silveira**

Especialista em Clínica Analítico-Comportamental pelo Núcleo Paradigma de Análise do Comportamento (NPAC). Mestranda em Psicologia (Comportamento e Cognição) pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar/São Carlos

**Giovana Del Prette** ✉

Doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, professora e supervisora clínica no Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência (SEPIA), no curso de Terapia Comportamental e Cognitiva da Residência em Psiquiatria Geral do HC/FMUSP e no Núcleo Paradigma de Análise do Comportamento (NPAC)

**Carolina Coury Silveira** ✉✉

Universidade Federal de São Carlos

## RESUMO

O conceito de *self* está relacionado ao controle privado do indivíduo, cujas falhas nesta aprendizagem podem se relacionar a problemas graves como os Transtornos de Personalidade. Esta pesquisa objetivou analisar o uso do conceito de *self* na prática em Terapia Analítico-Comportamental Infantil (TACI). Foi realizada uma revisão da literatura de todos os volumes de três revistas científicas brasileiras e de uma coleção de livros em Análise do Comportamento, selecionando-se publicações em TACI abordando o tema *self* ou algum comportamento autodirigido (N=16). Pôde-se observar que alguns terapeutas têm proposto intervir apenas em

✉ gdprette@gmail.com

✉✉ carol\_coury@hotmail.com

---

aspectos parciais de desenvolvimento de *self*, o que acarretaria um déficit nos objetivos propostos na Terapia Analítico-Comportamental Infantil. Este resultado alerta para a relevância da publicação de novos trabalhos que foquem em intervenções acerca do *self* em TACI.

Palavras-chave: *self*; terapia comportamental infantil; relato de caso.

## ABSTRACT

*The concept of self is related to the private control of the individual. When he fails to do this serious problems can occur such as personality disorders. This paper analyzes the use of the concept of self in the practice of Child Analytic - Behavioral Therapy (CABT). A literature review of all the volumes of three Brazilian scientific magazines and a collection of books on behavior analysis, selecting CABT publications addressing this topic or some self-directed behavior (N = 16) was performed. It was observed that some therapists have proposed to intervene only in partial aspects of self development, which entail to deficits on the objectives proposed by the Child Analytic - Behavioral Therapy. This result points to the relevance of the publication of new works that focus on the interventions on the self in CABT.*

Keywords: *self*; child behavioral therapy; case report.

O conceito de *self* tem sido amplamente utilizado na Psicologia desde os primórdios como sendo um *eu* interno ao organismo, que dita como ele agirá. Esta visão mentalista institui o *self* como um agente originador, um *eu* que utiliza o corpo do indivíduo para realizar seus feitos. Porém, o conceito de *self* também é abordado na Análise do Comportamento. Segundo Skinner (1953), a partir do momento em que as variáveis externas não são mencionadas, o “eu” é atribuído como causa de uma ação, sendo considerado um eu originador que está dentro do indivíduo. Porém, para a Análise do Comportamento, um organismo é alguém que adquire um repertório comportamental, em que diferentes contingências produzem pessoas diferentes, e assim, o “eu” passa a ser produto de uma complexa história que determina o que esse indivíduo fará e como agirá.

Skinner (1988) discorre sobre “o eu iniciador”, explicando que os organismos desenvolvem repertórios comportamentais que são construídos por meio da relação “eu controlado” e “eu controlador”, ou seja, uma pessoa manipula variáveis ambientais das quais seu próprio comportamento é função. Para ele, enquanto o “eu” se refere ao conjunto de sensações que um indivíduo tem sobre si mesmo, sendo mais introspectivo, a “pessoa” se refere ao conjunto de repertórios comportamentais do indivíduo, sendo possível ser observado por outros indivíduos. Ou seja, a “pessoa” pode ser observada por outros, mas o “eu” é percebido somente por ele mesmo, por meio de introspecção. Enfatiza que, com o advento do comportamento verbal vocal, multiplicaram-se as contingências que possibilitam evocar comportamentos de auto-observação, podendo haver contingências

verbais mais explícitas, como quando as pessoas são solicitadas a falar sobre si próprias.

Skinner observou que a psicoterapia passa a ser um esforço para aumentar essas contingências de auto-observação na vida do indivíduo, buscando o desenvolvimento de autoconhecimento do cliente. Segundo Rubio (2004), a abordagem skinneriana explica que a seleção de práticas culturais permite ao grupo transmitir a outros indivíduos o que foi aprendido com o tempo, através de contingências sociais, permitindo que os indivíduos conheçam sua individualidade e subjetividade, que conheçam seu *self*, ou a sensação que sentem a respeito de si mesmos.

A Psicoterapia Analítica Funcional (Kohlenberg & Tsai, 1991) é uma modalidade de terapia comportamental que foca na relação terapêutica como instrumento de mudança do cliente. A partir da temática do desenvolvimento do comportamento verbal sob controle privado, os autores propõem uma análise comportamental do *self* e suas implicações para a prática clínica. De acordo com estes autores, o entendimento do que é o *self* se dá pela especificação de estímulos controladores da resposta verbal “eu”. Esta aprendizagem se inicia na infância, quando a criança está aprendendo a falar, e ocorre em três estágios de desenvolvimento. No primeiro, a criança aprende unidades funcionais maiores como “estou com fome” e “estou aqui”. No segundo estágio, unidades menores emergem como “sinto” e “estou”, podendo combiná-las com algumas palavras, mesmo que a criança nunca tenha pronunciado essa frase em particular antes. E no último estágio, a unidade “eu”, que é ainda menor, emerge e, junto com ela, a experiência do “eu”. A partir desse momento, verbalizar “eu” passa a ficar cada vez mais sob controle de estímulos pessoais complexos, ou seja, ficando a cada dia mais

sob controle de uma perspectiva individual daquela pessoa. Esta sensação de “eu” permanece como um *locus* constante mesmo que a pessoa mude de local, cresça etc. Ou seja, a sensação de “eu” pode ser caracterizada como atemporal, considerando-se que é controlado por uma perspectiva que quase nunca muda. Deste modo, o desenvolvimento saudável do *self* se dá a partir de uma história de reforçamento consistente de verbalizações do tipo “eu X” desde que esta seja coerente com prováveis estímulos privados da criança (percebidos pelo seu cuidador a partir de seus correlatos públicos) (Kohlenberg & Tsai, 1991).

Holmes, Hayes e Dymond (2001) também abordaram a temática do *self*, segundo a Teoria dos Quadros Relacionais (Relacional Frame Theory, RFT). Para os autores, é necessário muito mais do que simplesmente falar sobre seu próprio comportamento para que um indivíduo alcance autoconhecimento. Ressaltam que uma análise do *self* requer considerar quadros de tomada de perspectiva, por exemplo, que são considerados essenciais na construção verbal do *self*. Esses quadros não podem ser demonstrados em dimensões formais, pois estão envolvidos em contextos abstratos de quadros relacionais. Afirmam que a perspectiva de abstração individual do mundo requer uma combinação suficiente de repertórios relacionais bem desenvolvidos, e uma história de múltiplos exemplares extensa. Responder a perguntas do tipo “o que *você* está fazendo *aí*?”, “o que *você* fez *depois*?” e “o que *eu* estou fazendo *aqui*?” parece ser crucial para estabelecer quadros de perspectiva. Assim, Holmes et al. (2001) explicam que responder de acordo com as relações estabelecidas, como “eu - você” e “agora - depois”, por exemplo, possibilita que o indivíduo seja capaz de comparar os eventos de acordo com uma perspectiva individual constante.

Tanto Skinner (1988) quanto Kohlenberg e Tsai (2001) e Holmes et al. (2001) compreendem o *self* a partir de uma hipótese essencialmente verbal. O entendimento individual do *self* de cada um é a especificação dos estímulos que controlam a resposta verbal “eu”. Rocha (2004) afirma que a primeira comunidade verbal que modela a habilidade individual da criança de responder discriminativamente em direção ao comportamento do outro são os pais. Por meio de interações verbais, estes ensinam seus filhos a discriminar suas próprias reações, podendo então supor que as práticas parentais têm correlação direta com a imagem que a criança tem de si mesma. E, assim, na interação com o outro, a criança vai desenvolvendo uma sensação de quem ela é, isto é, vai formando uma autoimagem.

O desenvolvimento “saudável” do *self* se relaciona ao controle privado do comportamento verbal. No presente artigo, porém, podemos nos referir de forma mais ampla a “comportamentos autodirigidos”, ao incluir também outras classes de comportamento nas quais o prefixo “auto” designa o objeto da ação. No comportamento denominado de “autoconhecimento”, por exemplo, o referente (estímulo discriminativo) da resposta verbal de conhecer (tatear) é o próprio indivíduo. No “autocontrole”, temos uma resposta controladora de outra resposta do indivíduo, mais provável, que produziria reforço mais imediato. Dizemos que o indivíduo tem “autoconfiança” quando se descreve como competente em relação ao seu desempenho em determinada tarefa. Seu “autoconceito”, por sua vez, significa o modo pelo qual ele descreve seu *self* como conteúdo. E sua “autoestima”, por fim, inclui descrições sobre si advindas de uma história de reforçamento em termos de afeto e aceitação incondicional, a despeito de seu desempenho (e.g. Skinner, 1974; Guilhardi, 2002).

Skinner (1974) aborda a questão do autoconhecimento e do autocontrole como objetivo amplo central de toda terapia comportamental. Sendo assim, pode-se refletir de que maneira os comportamentos autodirigidos – incluindo as respostas sob controle privado, essenciais na formação do *self* – têm sido abordados especialmente na literatura sobre Terapia Analítico-Comportamental Infantil (TACI). Em terapia infantil, identificar quais contingências são responsáveis pela evocação e manutenção dos sentimentos e pensamentos da criança é um objetivo terapêutico primordial (Regra, 2000). O ensino de repertório de comportamento autodirigido seria essencial na TACI, uma vez que é na infância que se desenvolve o comportamento verbal e, por conseguinte, o *self* (Kohleberg & Tsai, 2001).

Bortolato (2011) realizou uma revisão de literatura de estudos de caso em terapia infantil em renomadas revistas brasileiras de Análise do Comportamento, a fim de caracterizar as publicações em termos de diversos aspectos, entre os quais a questão da formação do *self*. Os dados desta pesquisa mostraram que cerca de 50% das publicações em TACI citavam, de um modo ou de outro, o tema “*self*” e/ou a importância de comportamentos autodirigidos da criança. Contudo, ainda não foi realizada uma análise da literatura em termos de comportamentos autodirigidos relacionados a outros aspectos, como queixa da criança, intervenção realizada e resultados obtidos.

Este trabalho teve como objetivo analisar uma amostra da literatura brasileira sobre TACI, publicações que se referem a comportamentos autodirigidos da criança. A partir da amostra coletada, teve-se o objetivo de investigar tipos de práticas parentais, de terapeutas, de professores, e de outras pessoas do convívio da criança que têm sido relatadas como

influenciadoras na formação do *self* das crianças; e ainda, para quais aspectos dessa análise os autores têm atentado e como têm tentado intervir sob essa perspectiva.

## MÉTODO

### Base de Dados

A base de dados desta pesquisa consistiu em uma amostra de 16 publicações nacionais (artigos ou capítulos) sobre Terapia Analítico-Comportamental Infantil que abarcou o tema *self* ou outro comportamento autodirigido, conforme definido anteriormente. As publicações selecionadas são referentes ao periódico *Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva (RBTCC)* e à *Coleção Sobre Comportamento e Cognição*.

Foram incluídos artigos e capítulos publicados desde o ano de criação do periódico RBTCC e da coleção *Sobre Comportamento e Cognição* até o ano de 2013, dando à revisão o caráter de atualização do conhecimento produzido sobre o tema. No total, foram analisados 15 volumes da *RBTCC* (de 1999 a 2013) e 27 volumes da coleção *Sobre Comportamento e Cognição* (de 1997 a 2010). Na proposta inicial de seleção das bases bibliográficas, também foram incluídas a *Revista Perspectivas em Análise do Comportamento* (de 2010 a 2012) e a revista *Acta Comportamentalia* (de 1992 a 2013), porém, nenhuma publicação destes periódicos foi selecionada pelos critérios de inclusão.

### Coleta de Dados

Esta revisão de literatura teve como base o site de busca *Google* acadêmico, e os índices de todos os títulos das publicações nos sites oficiais das próprias revistas e da coleção RBTCC. A primeira

filtragem de publicações seguiu a mesma metodologia de Bortolato (2011), em que foram incluídas todas as publicações que tivessem as palavras “criança”, “infantil” ou “infância” e a palavra “caso”. Títulos que se referissem a caso clínico de maneira menos direta (“atendimento infantil” ou “atuação clínica”, por exemplo), mas que deixassem claro que se tratava de investigações baseadas em dados de atendimento psicoterapêutico foram incluídos.

Na segunda etapa, os artigos foram lidos na íntegra para selecionar apenas as pesquisas que incluíssem relatos de casos, e para averiguar os critérios de exclusão definidos na pesquisa. Como critérios de exclusão, foram eliminadas as publicações que: (a) se referiam a *self* ou comportamentos autodirigidos, mas não relatavam estudos de caso; (b) se referiam a *self*/comportamentos autodirigidos, mas não descreviam a intervenção terapêutica realizada em relação a esses comportamentos; (c) se referiam a “autonomia” da criança de modo secundário ao foco da intervenção. Ao fim da coleta, foram selecionados três artigos da *RBTCC* e 13 artigos da coleção *Sobre Comportamento e Cognição*. A amostra final de artigos e capítulos foi de 16 publicações.

### Análise de Dados

Após a seleção dos artigos, os dados de caracterização da amostra foram organizados de maneira qualitativa, e sistematizados nas seguintes categorias:

Tema: tema principal do artigo, definido pelo autor. As subcategorias possíveis para Tema foram: (1.1) problemas específicos (ansiedade, TDAH, terapia de grupo, depressão, etc.); (1.2) orientação de pais e família; (1.3) processo terapêutico (terapia por contin-

gências, avaliação e terapia, análise funcional, intervenções com FAP e/ou ACT etc.) e (1.4) outros (que não se encaixavam em nenhuma outra subcategoria). Autor referenciado: autor utilizado como referência na publicação, ao tratar do conceito de *self*. As subcategorias possíveis para Autor referenciado foram: (2.1.) Skinner; (2.2.) Kohlenberg e Tsai; (2.3.) Hayes; (2.4.) Skinner + Kohlenberg e Tsai; (2.5.) Skinner + Kohlenberg e Tsai + Hayes; (2.6.) “outros” – para publicações que não esclareceram a partir de qual autor estão conceituando o termo *self* ou que não fazem referência ao termo *self*.

intervenções sobre *self* e/ou comportamentos autodirigidos: categorização segundo as intervenções realizadas no estudo de caso, que estivessem relacionadas ao desenvolvimento do *self* e/ou de comportamentos autodirigidos. As subcategorias possíveis para Intervenções foram: (3.1.) ensinar cliente a observar consequências de suas respostas no ambiente; (3.2.) reforçar relatos do tipo ‘eu X’, como ‘eu gosto’, ‘eu faço’ etc; (3.3.) intervenções cognitivas e (3.4.) outras intervenções, que não se enquadram em nenhuma das subcategorias anteriores.

Análise dos resultados descritos: a partir das intervenções propostas (item 3, anterior), foram analisados os resultados relatados nas publicações, sendo classificados nas seguintes subcategorias: (4.1.) cumpre o objetivo proposto; (4.2.) não cumpre o objetivo proposto; (4.3.) ensina a criança a se comportar sob controle externo e (4.4.) não descreve as mudanças comportamentais.

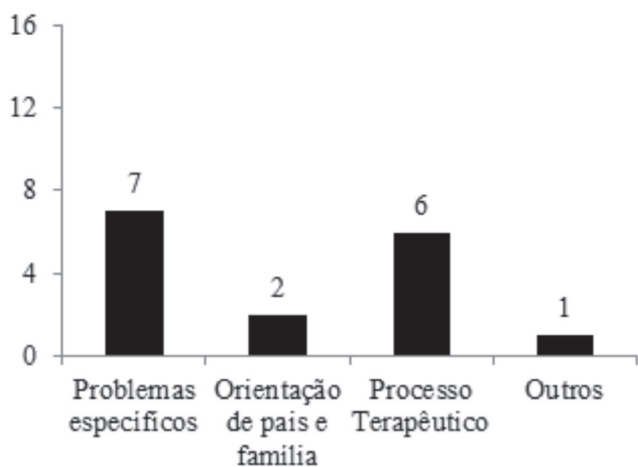
A análise das publicações permitiu interpretação do texto, de modo a detectar intervenções que correspondessem à preocupação com a formação do *self*

e com os comportamentos autodirigidos, ainda que não explicitamente descritos nesses termos pelos autores. Por exemplo, quando o autor não utilizava o termo “eventos privados”, mas relatava intervenções sobre pensamentos e sentimentos, foi considerado que existia preocupação com eventos privados. Da mesma forma, se o autor não utilizava o termo “relação terapêutica” na descrição de seus objetivos de intervenção, mas narrava interações em que era clara a preocupação com o vínculo, foi considerado que houve intervenção na relação terapêutica. Este modelo foi realizado para todas as demais categorias, sucessivamente. A partir da sistematização dessas informações nas categorias elaboradas, foi realizada uma análise quantitativa que será apresentada por meio de gráficos de frequência.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

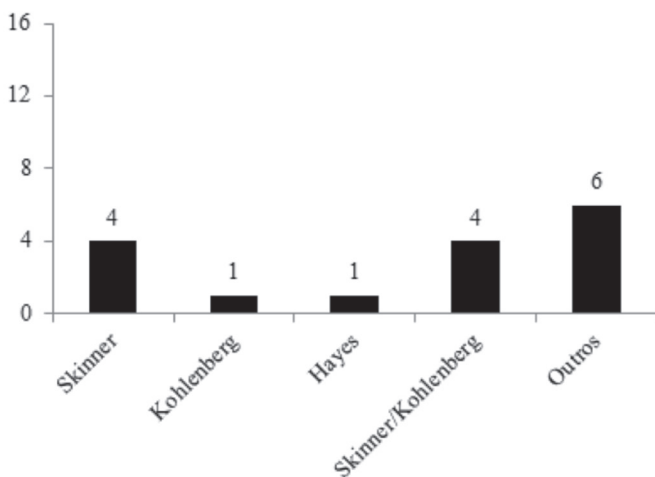
A Figura 1, a seguir, apresenta a quantidade de estudos de caso conforme o tema abordado. Nenhuma das publicações considerou o tema do desenvolvimento do *self* como intervenção principal do artigo – motivo pelo qual não foi criada esta subcategoria. Foi possível observar que o assunto mais predominante entre os artigos selecionados foi de “problemas específicos” (7), seguido pelo tema “processo terapêutico” (6), depois “orientação de pais e família” (2), e por último “outros” (1). Este resultado indica que a maior parte da amostra analisada abordou a questão do *self* e de comportamentos autodirigidos a partir da análise de problemas específicos da criança. Quando os autores se referiam a depressão, ansiedade e dificuldades acadêmicas, discorriam sobre o impacto destes problemas sobre comportamentos autodirigidos, como: baixa autoestima, autoconceito negativo, dificuldades com auto-observação, com expressão de sentimentos etc.

**Figura 1.** Quantidade de artigos conforme o tema



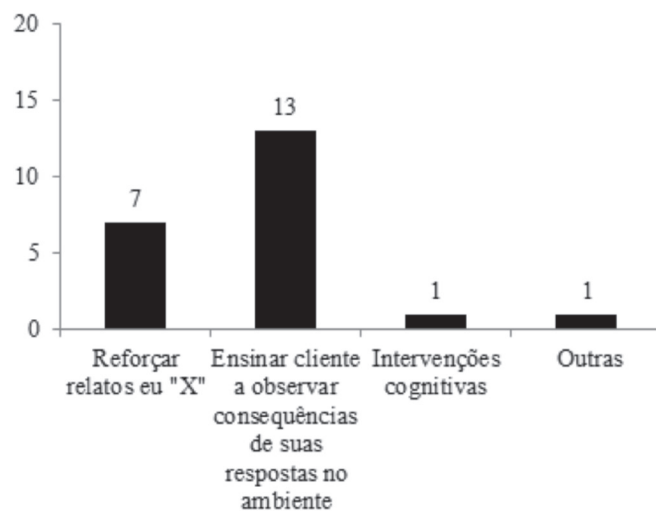
A Figura 2 apresenta a quantidade de estudos de caso que referenciaram os principais autores da Análise do Comportamento que conceituam a questão do *Self*. Podemos observar pelo gráfico que houve alta prevalência de análises que não citavam ou referenciavam nenhum autor, na categoria “Outros” (6 artigos). Em sequência os autores mais referenciados foram “Skinner” (4) e “Skinner + Kohlenberg & Tsai” (4). E por último “Kohlenberg & Tsai” e “Hayes” citados sozinhos (1 e 1, respectivamente).

**Figura 2.** Quantidade de artigos conforme categorização das referências a *self* de acordo com as teorias dos três principais autores (Skinner, Kohlenberg & Tsai, e Hayes)



Este resultado parece coerente com as datas de publicação das teorias dos quatro autores, considerando que após Skinner o principal livro da FAP foi editado no Brasil em 2001, e a RFT vem sendo estudada no Brasil somente nos últimos anos. É provável que nos anos subsequentes mais autores passem a referenciar os quatro autores ao abordar o *self*. A Figura 3, a seguir, apresenta a categorização das intervenções propostas nas publicações cujo objetivo foi o desenvolvimento do *self* ou de comportamentos autodirigidos. É importante ressaltar que, para a construção deste gráfico, o valor de referência que indica 100% da amostra foi de 22, pois, apesar de serem 16 artigos, um artigo pode ter utilizado mais de uma categoria de intervenção, modificando o valor de N.

**Figura 3.** Quantidade de artigos conforme categorização das intervenções em *self*



É possível observar alta prevalência da categoria “ensinar cliente a observar consequências de suas respostas no ambiente” (13), seguido da categoria “reforçar relatos do tipo ‘eu X’” (7). E, ainda, observa-se que foram utilizadas em menor frequência intervenções cognitivas (1), e de outros tipos (1) que não se encaixam em nenhuma das categorias anteriores.

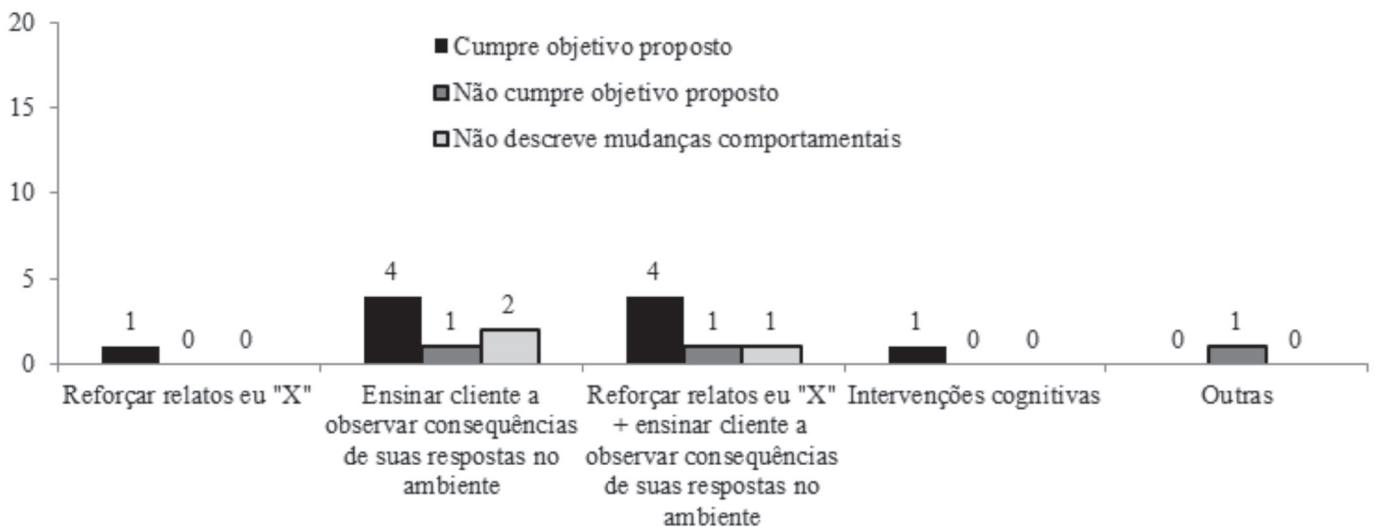
A Figura 4, a seguir, apresenta a distribuição das publicações da amostra segundo a análise realizada sobre os resultados descritos pelos autores. Mais uma vez, para a construção do gráfico, o valor de referência que indica 100% da amostra foi de 19, pois, apesar de serem 16 artigos, um artigo pode ter relatado a produção de mais de uma categoria de resultado diferente para as intervenções propostas, modificando o valor de N. É possível observar que grande parte das publicações (mais da metade) relataram intervenções propondo “Reforçar relatos do tipo ‘eu X’ + ensinar cliente a observar consequências de suas respostas no ambiente” e “Ensinar cliente a observar consequências de suas respostas no ambiente” cumprirem os objetivos propostos.

Contudo, é possível observar que nas duas subcategorias, dois estudos não cumpriram o objetivo proposto inicialmente. Neste caso, a análise da intervenção realizada indicou que foi ensinado à criança o controle externo de seu comportamento. Embora seja uma intervenção importante, em uma análise do desenvolvimento do *self* a mesma pode contribuir pouco (ou ser contraproducente) no ensino do controle

privado do comportamento. Um exemplo de intervenção que pode ter aumentado o controle externo para perguntas do tipo “eu X” foi a apresentação para a cliente de um painel de “bons comportamentos”. Os autores afirmam que a terapeuta objetivou desenvolver autoconhecimento pela criança, e que o painel, possibilitaria que ela observasse seus comportamentos e as consequências que estes produziriam. No entanto, deve-se ressaltar, que o nome do painel “bons comportamentos” pode controlar respostas da criança que fiquem sob controle de aprovação externa. Deste modo, a escolha do nome do painel pode ter prejudicado em que a criança identificasse sensações privadas e as descrevesse (independente de serem estas sensações que se encaixassem em “bons” ou em “maus” comportamentos).

Apenas um artigo que propôs uma intervenção do tipo “Reforçar relatos do tipo ‘eu X’” cumpriu o objetivo proposto, do mesmo modo que o único que propôs “Intervenções cognitivas”. No caso da segunda categoria (ensinar cliente a observar consequências de suas respostas no ambiente), um estudo não cumpriu o objetivo proposto e dois não descre-

**Figura 4.** Quantidade de artigos conforme categorização do tipo de intervenção em *self* e conforme categorização dos resultados





veram mudanças comportamentais. Outras publicações, ainda, não descreveram melhoras em termos de *self* ou se propuseram a intervir desta maneira, mas, provavelmente, porque não seguiram esta linha durante o processo terapêutico. Este resultado permite levantar a hipótese de que os terapeutas clínicos podem ter fugido do objetivo proposto durante o processo terapêutico; ou ainda, que descreveram teoricamente como realizar uma intervenção em termos de desenvolvimento de *self*, no entanto, não realizaram na prática.

Grande parte dos estudos de caso relatou utilizar a intervenção de reforçar relatos do tipo “eu X” das crianças simultaneamente a “ensinar cliente a observar consequências de suas respostas no ambiente” (6 e 13, respectivamente). Essa decisão dos terapeutas provavelmente se pautou na hipótese de que simplesmente ensinar a criança a expressar o que sente não seria considerada uma intervenção completa em termos de bom desenvolvimento de *self*. Deste modo, aprender a discriminar consequências simultaneamente, seria um passo importante na obtenção de autoconhecimento pelos clientes.

Nenhum dos estudos fez referência ao termo *self* como discutido na Introdução deste estudo, mas somente aos termos relacionados. Assim, apesar de alguns autores estarem embasando suas análises e intervenções de acordo com os autores da FAP (Kohlenberg & Tsai) e/ou da RFT (Hayes), continuam utilizando termos referentes ao *self*, e procurando intervir em aspectos parciais relacionados a este (como autoconhecimento, autonomia, autoestima, nenhum significando exatamente um sinônimo de *self*). Este resultado pode indicar que os terapeutas analítico-comportamentais bra-

sileiros não estejam de fato procurando realizar intervenções que foquem exclusivamente o desenvolvimento do *self*, mas sim em melhoras dos comportamentos-queixa. Esta escolha deve ser cautelosa para que não considere o desenvolvimento de *self* apenas como um possível subproduto de suas intervenções.

Outra dificuldade observada refere-se à confusão algumas vezes evidenciada ao se tratar de termos relacionados a *self*. Atribuir a causa da dificuldade encontrada (baixa autoestima, autoconhecimento, entre outros) ao indivíduo, e não às variáveis ambientais às quais o comportamento está sujeito, pode ser considerado pressuposto incompatível com os preceitos da Análise do Comportamento. Além disso, observa-se uma tendência dos terapeutas de embasarem suas práticas em análises skinnerianas de observação e análise de contingências. Em segundo lugar, observa-se maior frequência nas escolhas de intervenções pautadas nas propostas de Kohlenberg & Tsai, os quais afirmam que valorizando relatos do tipo “eu X” a criança passa a identificar quais sensações são parte dela, e quais não são. Kohlenberg & Tsai defendem que quando o comportamento da criança é conseqüenciado de acordo com o que sente, ela consegue identificar coerência com o estado sentido (“eu quero”, “eu gosto”, “eu sou”). Mas quando é conseqüenciada de acordo com a necessidade e vontade dos pais, não consegue estabelecer essa coerência, e passa a ter dificuldades para identificar quando é algo de que ela “gosta” e quando é algo de que os pais “gostam”, por exemplo. Este último tipo de interação favorece a que a criança fique mais sob controle externo do que de estados privados, e assim, apresente dificuldades para identificar características pessoais, o que acarretaria em um *self* “mais instável”.

É possível concluir que o tema “*self*” vem sendo abordado de maneira assistemática por terapeutas analítico-comportamentais. A utilização de técnicas ou estratégias sem uma interpretação anterior devida dos princípios comportamentais envolvidos leva a uma limitação do alcance das intervenções, isto é, aumenta-se a possibilidade de ocorrerem equívocos conceituais por parte dos pesquisadores e terapeutas no momento da escolha das intervenções relacionadas a *self*.

No entanto, sugere-se que há uma ampla discussão acerca do desenvolvimento saudável do *self*, e de possíveis práticas que favoreçam o tratamento no caso dos indivíduos que apresentam um *self* “instável”. Estudos futuros que visem investigar intervenções específicas direcionadas ao desenvolvimento de *self* infantil ou de comportamentos autodirigidos podem contribuir enormemente para clarear quais fatores instalam e mantêm respostas desta natureza.

## CONCLUSÕES

Sugere-se que terapeutas analítico-comportamentais têm utilizado como principal instrumento de análise do *self* em terapia infantil seu embasamento da experiência clínica. Podem, assim, estar se propondo a intervir apenas em aspectos parciais de desenvolvimento de *self*, o que acarretaria um déficit nos objetivos propostos na Terapia Analítico-Comportamental Infantil. Descrições mais sistemáticas dos procedimentos e análises utilizados podem ser cruciais para avançar neste tópico. Foi observado, ainda, que terapeutas que propõem intervir em aspectos do *self* podem muitas vezes estar utilizando intervenções que ensinam a criança a ficar ainda mais sob controle externo, não auxi-

liando no desenvolvimento de *self* (ou, talvez, até prejudicando).

Esta revisão permitiu refletir acerca do quanto terapeutas em TACI devem atentar para não arriscar intervenções que visem principalmente a sanar demanda dos pais – isto é, focando na mudança de comportamentos mais disruptivos (birras, desobediência etc.) – e, assim, arrisquem negligenciar uma análise sobre o que estão produzindo em termos de formação de *self* nas crianças. Essa cautela pode evitar que as intervenções eliminem o comportamento-queixa, mas acarretem em atendimento psicoterapêutico incompleto do ponto de vista de desenvolvimento infantil, o qual deveria incluir a formação do *self*. Desse modo, parece ser de grande relevância a publicação de mais estudos de caso que foquem em intervenções acerca do desenvolvimento do *self*. Esta revisão permitiu identificar uma área ainda deficitária de evidências científicas na área de Terapia Analítico-Comportamental Infantil.

## REFERÊNCIAS

- Bortolato, S.F.R. (2011). *Estudos em Terapia Analítico-Comportamental Infantil: O que a literatura brasileira tem a oferecer?* Monografia de conclusão de curso de Especialização em Terapia Analítico-Comportamental, Núcleo Paradigma de Análise do Comportamento, São Paulo, Brasil.
- Branco, C. M. & Ferreira, E. A. P. (2006). Descrição do atendimento de uma criança com déficit em habilidades sociais. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8, (1), 25-37.\*
- Coelho, M. C. & Conte, F. S. (2003). Efeitos da relação terapêutica na redução de comportamentos agressivos de crianças de baixa renda. *Sobre comportamento e cognição: Clínica, pesquisa e aplicação*, 12, (9), Santo André.\*

- Conte, F. C. S. (1997). A criança em seu processo terapêutico: reflexões a partir de um estudo de caso. *Sobre comportamento e cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental*, 2, (16), São Paulo. \*
- Conte, F. C. S. (1999). A terapia de aceitação e compromisso e a criança: uma exploração com o uso de fantasia a partir do trabalho com argila. *Sobre comportamento e cognição: Psicologia comportamental e cognitiva: da reflexão teórica à diversidade da aplicação*, 4, (15), Santo André.\*
- Conte, F. C. S. (2001). A Psicoterapia Analítica Funcional (FAP) e um sonho de criança. *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade*, 8, (36), Santo André.\*
- De Mari, F. & Novaki, P. C. (2009). Intervenções clínicas em uma queixa de hiperatividade infantil. *Sobre Comportamento e Cognição: Desafios, soluções e questionamentos*, 23, (29), Santo André.\*
- Emidio, L. A. S., Ribeiro, M. R. & De Farias, A. K. C. R (2009). Terapia Infantil e treino de pais em um caso de agressividade. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11, (2), 366-385.\*
- Ferraz, M. R. P. (2005). A Terapia Comportamental Infantil em Grupo e sua Aplicação nos Transtornos de Aprendizagem. *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade*, 15, (34), Santo André.\*
- Fonseca, R. P. & Pacheco, J. T. B (2010). Análise funcional do comportamento na avaliação e terapia com crianças. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 12, (1/2), 1-19.\*
- Guilhardi, H.J. (2002). Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. *Comportamento Humano – Tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor*, 1-29, Santo André.
- Guilhardi, H. J. & Cesar, G. (2001). Discussão de caso clínico: a proposta da terapia por contingências. *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade*, 7, (33), Santo André.\*
- Heller, D. C. L. (2006). Obesidade Infantil: tratamento comportamental. *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade*, 17, (14), Santo André.\*
- Holmes, D.B., Hayes, S.C. & Dymond, S. (2001). Self and self-directed rules. *Relational Frame Theory: A Post-Skinnerian Account of Human Language and Cognition*, 119-131, New York.
- Kohlenberg, R.J. & Tsai, M. (1991). *Psicoterapia Analítica Funcional: criando relações terapêuticas intensas e curativas*, 1ª ed., 139-155, R. R. Kerbaury, Trad. Santo André.
- Pereira, F. M. (2004). A Influência do perfeccionismo na baixa auto-estima da criança: um estudo de caso. *Sobre comportamento e cognição: Contingências e metacontingências: Contextos sócios verbais e o comportamento do terapeuta*, 13, (21), Santo André.\*
- Regra, J. A. G. (1997). Depressão infantil: aspectos teóricos e atuação clínica. *Sobre comportamento e cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental*, 2, (17), São Paulo.\*
- Regra, J. A. G. (2000a). Formas de trabalho na psicoterapia infantil: Mudanças ocorridas e novas direções. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 2, (1), 79-101, Mogi das Cruzes.
- Rocha, G. V. M. (2004). Práticas parentais e desenvolvimento do self: observações para intervenção junto a famílias “disfuncionais”. *Sobre Comportamento e Cognição*, 14, 1ª ed., 267-271, Santo André.

- Rubio, A. R. (2004). Behaviorismo Radical: uma revisão do conceito de Self na obra de B. F. Skinner. *Sobre comportamento e cognição*, 13, 13-20, Santo André.
- Sabbag, G. M. & Toni, C. G. S. (2009). Criança em situação de risco: um estudo de caso em terapia analítico-comportamental. *Sobre Comportamento e Cognição: Desafios, soluções e questionamentos*, 23, (30), Santo André. \*
- Skinner, B.F. (1953). *Ciência e Comportamento Humano*, 271-276, J.C. Todorov e R. Azzi, Trad., São Paulo.
- Skinner, B.F. (1974). O eu e os outros. *Sobre o Behaviorismo*, 10ª ed., 145-152, M.D.P. Villalobos, Trad., São Paulo.
- Skinner, B.F. (1988). O eu iniciador. *Questões Recentes na Análise do Comportamento*, A.L. Néri, Trad., Campinas.
- Teixeira, A. N. & Novaki, P. C. (2009). Luto infantil: um estudo de caso baseado na análise do comportamento. *Sobre Comportamento e Cognição: Desafios, soluções e questionamentos*, 23, (6), Santo André.\*
- Valentim, M. G. & Valle, A. C. R. (2004). Análise funcional de um caso de agressividade e mentira na infância. *Sobre comportamento e cognição: Estendendo a psicologia comportamental e cognitiva aos contextos da saúde, das organizações, das relações pais e filhos e das escolas*, 14, (5), Santo André.\*

## NOTAS

Referências marcadas com (\*) correspondem também aos artigos e capítulos que compuseram a base de dados desta pesquisa. Tabela resumida com a categorização das intervenções dos artigos analisados, disponível em: <https://www.dropbox.com/sh/lzrwas1ypmykgz4/AAB4ScrF2DDE1Abr02vvuhxza?dl=0>

Recebido em 18 de fevereiro de 2013  
Encaminhado para revisão em 26 de março de 2013  
Aceito em 6 de março de 2014